

# A LAGRIMA

QUINZEÑARIO ILLUSTRADO

## BARCELLOS HA 50 ANNOS

### VIII

Foi precisamente, ha cincoenta annos, que n'essa villa occurreu um acontecimento, que está a tentar a gente de o contar á geração nova.

Eis o caso.

Veio da freguezia de Abbade do Neiva para essa villa, como creada de servir, uma rapariga qualquer de nome Maria Manella, e que servira em casa do avô do meu muito prezado amigo Manuel Leite, no Campo da Feira.

Por esse tempo estava tambem de morada em Barcellos um tal padre Manuel, não sei de quê, natural da freguezia de Oliveira, coreiro em S. José e confessor de beatas. Isto de beatas é um nosso módo de dizer.

Padre Manuel era bojudo, alto e bem entroncado, uzava de um grande capote de enormes portinholas, cabecção e gola descommunal, e cobria-se com um chapéu alto, em que podia levar a bagagem para qualquer jornada; era uma d'ossas cartollas, que estampava uma sombra no chão, como que se o sol estivesse em eclipse parcial, por on e quer que pa sasse o seu conductor.

Um bello dia começou de correr com insistencia, que em uma casa da rua de S. Vicente, habitada por um tal—Paizana—de que muito bem me lembro; estava uma Santa com as chagas de Christo estampadas nas mãos e nos pés; talqualmente conta a lenda de S. Francisco de Assis.

Caleulê-se a avidez com que todos os moradores da villa procuravam soffregamente certificar-se do caso; e eis que a casa de mestre Paizana começa de ser invadida por gente de todas as classes, que, em barda, ia vêr a Santa. E, já não havia que vêr, era uma Santa com chagas nas mãos, porque as dos pés, creio que, ninguém lh'as viu.

Tambem me tocou a vez; rapazote dos meus nove annos e pico fui, em grupo de familia, admittido a entrar no tabernaculo, aonde já não era permittido entrar a granel, mas á vez, e em pequeno numero de pessoas:

Era tarde alta; a sala tinha as janellas fechadas; sobre uma commoda, que se encostava á parede, ardia uma lamparina de azeite. Em uma alcova estava a cama, em que a Santa estava deitada. Junto do catre uma cadeira em que padre Manuel estava sentado com o seu enorme capote e em posição seraficamente meditante. Debaxo da cama era uma especie de capoeira, em que já se aninhavam gallinhas e frangos; que os devo-

los traziam aos pares para a alimentação da Santa, que, afinal, era a tal Maria Manella; e quando me tocou a vez de chegar junto da cama d'ella, lá vi a avô do Manuel Leite, que tinha sido sua ama, a dizer-lhe, de mãos erguidas:

—*O' Mari-jinhas pede a Deus por mim. Estou a ouvil-a e a vel-a.*

A Santa, com os olhos bem arregalados, fixos em um quadro qualquer, que lhe ficava aos pés da cama, e sem que ninguém fosse capaz de lhe perceber o mais pequeno movimento, só tinha o rosto de fóra da roupa, e não dava uma palavra a ninguém.

Depois de muito instada para mostrar as chagas, foi só com ordem do padre Manuel, que ella estendeu o braço esquerdo até á cabeça, vendendo-se-lhe bem aberta na palma e nas costas da mão uma ferida, que gotejava sangue de um lado e do outro; e, feita a exhibição, que produziu sensação em todos os visitantes, tornou a recolher o braço, retomando essa posição de uma verdadeira mumia.

Á nova correu por todas as freguezias do concelho com uma rapidez electrica, e a romaria para a casa da Santa chegou a tomar proporções admiraveis.

A auctoridade teve de entrevir. Era administrador do concelho Antonio José dos Santos Abrantes, e agente do ministerio publico, que promoveu a acção da justiça, o dr. José Maria Paes de Villas-boas.

Estava aqui por essa occasião um destacamento d'infanteria 8. Officiaes de justiça e da administração, com a cadeirinha do hospital, em que foi recolhida a Santa, e acompanhados pela força armada, conluziram-na para o hospital, aonde foi recolhida em um quarto reservado, com sentinella á porta.

Lavadas as mãos e os pés disseram os medicos, que as feridas eram feitas pela presa.

No dia seguinte, á hora da visita no hospital, viu-se que as chagas estavam sangrando de novo. O rev.º Manuel Lopes de Albuquerque pediu uma thesoura, cortou o cabelo á intrujona, e foi então, que appareceu um prego, que ella tinha escondido no cabelo, e com o qual todos os dias renovava as chagas, e cônia os papalvos.

Á Santa Manella respondeu em policia correcional, soffrendo mais ou menos pena de prisão. Ao padre não me lembro já, do que lhe fizeram, mas seria de toda a justiça mantal-o para Riha-folles:

## A LAGRIMA

Is'o parece incrível, mas é religiosamente verdade. Essa mulher, que parece ter reinvidido na mesma industria ahí para os lados de Braga, veiu a morrer, ao que nos disseram, no convento da Conceição d'aquella cidade.

Em lugar das chagas, sahiram-lhe as armas de S. Francisco. Foi um *quê pro quo* de mau agoiro.

### ARCHEOLOGO.

#### Moralidade

Prefiro as mãos sujas de typographo, symbolo do trabalho, ás luvas, que encobrem a pouca limpeza de mãos habituadas a procurar, nas *subscrições académicas*, uma satisfação a gostos estragados pelo vinho e pelo bordel.

*A loa entendeur...*

#### NOTICIAS DIVERSAS

Faz amanhã annos o reporter da «Lagrima» sr. Jose Velloso, visconde de Nixa.

—O nosso amigo Sá Vianna foi juiz da festa realisada no ultimo domingo em honra de S. João, na Fonte de Baixo.

Na tarde d'esse dia foi uma commissão dos festeiros, com uma muzica á frente, entregar-lhe uma *corôa de juiz*.

O sr. Sá Vianna agradeceu em phrase facil a espontaneidade da lembrança dos rapazes, e fez votos pelo futuro dos habitantes da Fonte de Baixo, a quem disse dedicar profundas reverencias, e terminouB por desejar progressos materiaes e moraes em Barcellos.

—Foi atropellado por um cão damnado o nosso amigo João Candido da Silva, do que resultou ficar com uma roda partida.

—Tem sito commentado piearescamente, nos grandes centros politicos de Barcellos, o nosso amigo Miguel da Maxima, por ter apparecido em chinellos no café Mattos.

Receia-se até que o cambio baixe.

—O sr. Manoel Joaquim da Silva passou hontem a usar chinellas de vareum.

—Foi isento da vida militar, por não chegar ao estalão, o sr. Daniel Gonçalves da Costa.

—Manifestou-se a antrachnoso no sr. José dos Santos Ferreira.

—Receben-se, de Lisboa, um telegramma das Meinas de gravura—Freire—em que se diz estar enxada a medalha, que vai ser offerecida ao official Machado.

D'un lado tem o retrato do Relho e a seguinte legenda—*Ao valente official Machado, 14 d'abril de 1771.*

Do outro veem-se simplesmente as armas de S. Francisco.

—Perden-se o José Duarte. Dão-se alviçaras a quem o encontrar.

—Entre os troilhas Sampaio e o Clemente:

—*Que diabo de verbo trefe estás ahí a galrar? Não piavas uma gargantoso de sagrado gelêto? E' mais gidio que palrar.*

—Inses, se vosso éne avesar larjan. Só tosgo um chêto para a lão branca...

—Muã um luiz. Vamos ehusmar na choga do lhavo que se foca em ribaneza—ao atus macã. O piraço do frogo de xaibreiro não drespi pra dana.

—Consta-nos que o sr. José Marcellino está compondo uma peça intitulada: *A cabida do bombo na rua Direita.*

—*Já sé, dirá o Motta, parlé vú trambulhão.*

#### *Stultorum infinitus est numerus*

Discutia-se animadamente n'uma loja de merceria acerca da trovoad e seus effeitos. Depois de se ter fallado do trovão, relampago e raio fallava-se acerca da faisca, quando de repente entra na loja um sujeito, que, como um *juca*, que tem meia duzia de patacas, costuma fallar de tudo sem perceber patavina do que diz.

Poz-se a escutar attentamente e dirigindo-se, passados momentos, ao que fallava, diz-lhe com modos de entendido:

—*Não é nada d'isso. A faisca é uma pedrinha lapidada.*

Como lhe objectassem continuou:

—*Vocês não sabem nada. Meu pae já viu uma e foi elle quem n'o disse.*

Ora esta *pateridade* é por força *producto d'um raio que o não partiu.*

—*Nunca o invejoso medrou nem quem proximo d'elle morou.*

E' bem certo o adagio. Até agora só os medicos tinham o direito de mandar para os *anjinhos* a pobre humanidade, sem darem satisfações a ninguém. Um futuro pharmaceutico das *boticas do Zé das mesinas*, para que lhe havia de dar? Vejam se advinham? Tornou-se *assassino de grammatica*. Ora vejam:

—O S. João na Fonte de Baixo.

A mocidade barcelleense folgou toda a noite do dia 30 de junho de 1895 o que foi para a nossa terra uma grande gloria, ouvindo se a muzica a executar a popularissima cantiga ao S. João acompanhada de honrações de salvas que subiam em *zi-zi-za-gues* para a estreita fita do ceu que apresentava bilhões de estrellas mutieores na sua grande largura. O largo illuminado com verdejante buxo, figurava uma rua de Veneza, com as suas gondolas repletas de copinhos illuminantes. No centro do largo havia um mastro com um hallaphote collocado no cimo d'um mastro para o que se mandou vir da Afforada a electricidade encanada em quantidade tal que



## A LAGRIMA

illuminasse o hallaphote com a intensidade de 2:500 vellas que era d'um effeito surprehendente. A cascata esteve bem macaqueada, a illuminação produziu bem effeito.»

ANTONIO PAES DE FARIA.

É nas mãos d'um individuo assim que se deposita uma receita de responsabilidade...

Dois officinas de diligencias partem, cavalgando em dois magros cavallos, em exercicio das suas funcções. Acolytados por todos os seus collegas, que vão a pé, fazem um chinfrin dos demônios, gargalham ditos picantes; n'uma palavra, vão levados da breca.

Amigo Villaça, com o seu riso de *bombo*, monta um pouco atarantado no rocicante esqualido e lazarento.

Grande troça, um berroiro dos diabos. Mas, o homminho cada vez bamboleia mais, como um navio aderna em dias de tempestade, em cima do bucephalo estropiado.

De repente olha para traz, admirado d'aquelle balancear medonho, e vê que falta a *rabeira* ao burro rachitico e esfoncado.

A *rabeira*, como os leitores sabem, faz parte do arreo do macho.

Mas o que é certo é que o homensinho na graça do Deus lá fez termo á viagem.

Quando regressava a troupe Villaça, deu, no caminho, com a *rabeira* de cara...

Era conhecido por *Mulheza da 1.<sup>a</sup>*, um cabo, vermelho assim como açafraão, que tinha o 2.<sup>o</sup> batalhão do 20. ha tres annos.

Passeiava elle um dia, depois de um rancho de macarrão e grão de bico, em frente aos Paços do Concelho, quando se lhe dirigiu uma mulher d'aldeia, pedindo que lhe lêsse uma carta.

O cabo, que não sabia lêr, fitou-a com ares de mestre e disse:

— «Eu não sei lêr letra *paizana*.»

É com a maxima satisfação, que registamos no nosso jornalsinho o acto brilhante feito na Escola Medico-Cirurgica do Porto, pelo sr. João Baptista da Silva Guimarães.

Escusado será dizermos nada em louvor d'este nosso amigo, porque de todos é reconhecida a sua aptidão e talento. Em todo o caso pedimos ao nosso presado collega «Jornal de Noticias» a venia da seguinte transcripção:

«Escola Medico-Cirurgica.

3.<sup>o</sup> anno—10.<sup>a</sup> cadeira. (Anatomia pathologica)—João Baptista da Silva Guimarães.

Approvedo.»

Consta-nos que o nosso estimavel patricio deseja applicar o systema pathologico ao *fabrico do calçado*.

O Sampaio, o mais gaiato de todos os trochas, vê passar a *quête*.

Momentos depois diz elle muito admirado.

— «Então a Camara não se fez representar na *quiteria*?»

*Inté* o trocha reparou.

### NOTAS DA QUINZENA

A rua Nova de S. Bento e o largo da Fonte de Baixo deram-nos, com as festas a S. João, mais uma demão risivel e chata no bom gosto, que ficou assim como que buzio.

Festas sem novidade.

Os mesmos pinheiros esgalhados e esfolados, ao alto, n'uma erecção de espasmo, caiados de branco e espiralmente azulados, tendo na ponta em *esbandalhazes* as bandeiras branco-azues e vice-versa...

As cordas do buxo—na mesma suspensão vista e cançada, tomando conta dos copitos agrizados—n'uma curva de corcunda de velbo de *males* d'espinha.

As cascatas, altas, a devassarem os telhados visinhos, ensombradas, assim como carros de melancias, por eunos de carvalho, tendo espalhadas pelo dorso de cortiça e terrão, figurados de barro semelhando gento e bichos.

Nem uma coisa nova para Barcellos a destacar-se, assim como a medalha de *Philantropia e generosidade ao merito*, no jaquetão preto do ex-cabo João Augusto da Silva.

As ultimas festas a S. João em Barcellos tiveram pouca vantagem de superioridade ás feitas pelo rapazio a St.<sup>o</sup> Antonio.

Porque ao menos estas teem valor pela poesia infantil e pela simplicidade. O patrono da festa fica em cima de dois caixões de sabão, ludado por duas velas, e o rapazio anima tudo com os *traques* das bichas.

«E isto não tem graça? Recorda-nos a nossa mocidade!

«E as outras que nos recordam? O bom gosto á cair esfrangalhado...»

\*

A *quête* do penultimo domingo teve a tristeza d'uma cruz alçada a abrir um prostito funera-rio.

A Associação de Bombeiros foi correcta em promovê-la.

Teve uma lembrança bella—«e o bello é mais humano que o sublime».

Fraça teve-a a Camara não se fazendo representar n'ella. Andou bem... no caminho do mal...

A Camara continua merecendo honras de *protogonismo* nos cavacos.

Republicanos e regeneradores, *socialistas* e progressistas, reholam a sua colherada de desfavor a respeito d'ella. E os jornaes de todas as côres ca-

## A LAGRIMA

hem tambem sobre o seu corpo, como frechas her-  
vadas, deixando-a um S. Sebastião...



A sua auzencia na *gôute* deu contingente para  
se desenferujar a lingua durante a ultima quin-  
zena.

E' triste e magoadôr vêr o desleixo a que es-  
tão votados todos os interesses locais.

O silencio sobre elles é um crime d'imprensa.

E tenham paciencia, senhores, se os factos são  
maus, mau deve ser o jornal que os relata.

Se os casos são sujos, o jornal não pode ser  
limpo.

Elle é o reflexo de tudo que é irrisorio.

Os vereadôres teem obrigações de primeira  
grandeza a cumprir.

Para se avaliar da importancia do cargo de ve-  
reador municipal, dos conhecimentos, intelligen-  
cia e bom facto que são necessario, no desempe-  
nho de suas elevadas funções, basta notar que o  
municipio é a base em que assenta a sociedade  
politica e o principal elemento da organisação ad-  
ministrativa ou basta reparar como diferentes tra-  
fadistas o consideram.

Centro primordial da vida local, elle não foi  
obra do governo, nem representa uma divisão ofi-  
cial do territorio. (1)

O municipio é uma associação natural, existe  
em todos os povos, quaesquer que sejam os seus  
costumes e as suas leis; é o homem que funda  
os reinos e cria as republicas; o municipio pare-  
ce ter sabido directamente das mãos de Deus. (2)

O regimen municipal não foi inventado pelos  
publicistas, nem imposto, como quasi todas as  
instituições da idade media, pela ignorancia ar-  
mada; esta arvore antiga é uma producção do  
solo, que cobre com seus ramos, e foi pelo ins-

tinção da propria conservação, que os homens es-  
pontaneamente se agruparam debaixo da sua  
sombra tutellar. (3)

Não é ás constituições ou ás leis escriptas que  
o municipio deve a vida que lhe é propria; bro-  
tou como consequencia necessaria da fusão das  
familias, operada sob o influxo da lei eterna da  
sociabilidade. (4)

.....  
Todos os nossos camaristas são boas pessoas.

No meneio dos seus negocios particulares teem  
dado provas cahalissimas de concepção.

Como homens publicos só manifestam a sua  
bondade. (5)

.....  
Ora não nos admira que os vereadores, na sua  
maior parte, atestem uma negação para os seus  
cargos.

Olveira Martins, que escreveu distinctamente  
sobre finanças, deu-nos na pratica, como politico,  
um attestado pouco valoroso, incompativel com  
os seus meritos.

João de Deus, o poeta lyrico, o coração da  
poesia, viu-se obrigado a resignar o logar de de-  
putado.

A. Herculano «que tinha um armo de ferro  
para dobrar resistencias» como critico, que foi  
um historiador musculoso, athletico, teve de fa-  
zer o mesmo.

E' como estes muitos exemplos.

.....  
Barcellos está uma Pompeia em ruinas.

Muitas casas sem cel e algumas sem barro, fá-  
zem lembrar uma chaga nojenta exhibida em ro-  
maria por um pedinte malicioso.

Outras teem a barriga inchada, assim como de  
mulher gravida desmazelada, a pedirem escófa.

Na rua Direita escançara-se, n'um predio, uma  
sacaca a desfazer-se, a que umas hervas dão, fe-  
lizmente, «uns tons de primavera». O seu dono  
é o sr. dr. Eduardo Salazar, que é muito boa pes-  
soa, mas que ignora o que se salienta irrisoria-  
mente n'uma casa, em que não vive. S. ex.<sup>a</sup> vive,  
assim como um frade mystico, entre coligos...  
e não passa na rua principal da villa para vêr  
aquelle vomito architectonico. A Camara devia  
fazel-o conhecedor.

Os habitantes da rua Nova de S. Bento vivem  
dentro de casas de madeira, tortulheiras d'im-  
mundicie, a requisitarem muita agua.

No tribunal as sentinas são um escandalo anti-  
hygienico.

E'... virgula

(3) Henryon de Pausey—*Du pouvoir municipi-  
pul*, 1.<sup>o</sup> vol. pag. 3.

(4) Bivort. *Comment. de la loi com. belg. en-  
troduc.* pag. 11.

(5) Onde está bondade, leia-se—conveniencia,

(1) Lobo d'Avila—*Est. de adm.*, pag. 159.

(2) De Tocqueville—*Democrat en Amerique*, t.  
1.<sup>o</sup> pag. 99.